



ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE DISCURSOS MIDIÁTICOS ACERCA DA RUPTURA DA BARRAGEM DA MINA CÓRREGO DO FEIJÃO NO MUNICÍPIO DE BRUMADINHO (MG), OCORRIDA EM 25 DE JANEIRO DE 2019

Juliana Cabral Junqueira de Castro
(UFMG – Doutorado)

| INFORMAÇÕES SOBRE A AUTORA |
|--|
| <p>Juliana Cabral Junqueira de Castro é doutoranda em Estudos Linguísticos, linha de pesquisa Análise do Discurso, pela UFMG. Mestre em Teoria Literária pela mesma universidade, instituição onde obteve a graduação em Letras/Licenciatura em Língua Portuguesa. Autora de livros e coleções didáticas de Língua Portuguesa. Lecionou e desenvolveu pesquisas em universidades públicas e particulares. Possui experiência na área editorial em projetos de elaboração de materiais didáticos de disciplinas diversas, gerenciamento de equipes e processos editoriais, incluindo seleção de autores e ilustradores, preparação de texto, coordenação de editoração, acompanhamento e aprovação do processo de impressão em gráficas no Brasil e no exterior.</p> |

| RESUMO | ABSTRACT |
|---|---|
| <p>Este artigo pretende mostrar como um determinado evento – no caso, a ruptura da Barragem da Mina Córrego do Feijão, no município de Brumadinho (MG), ocorrida em 25 de janeiro de 2019 – pode assumir diferentes realidades em função dos discursos que o constroem dependendo de as quais formações discursivas eles são pertencentes. Para tanto, analisamos e comparamos dois textos midiáticos, um retirado do jornal <i>on-line</i> <i>O Estado de S. Paulo</i> e o outro, do jornal <i>Brasil de Fato</i>, também <i>on-line</i>. A nossa proposta de trabalho está pautada principalmente nos pressupostos teóricos da linha de Análise do Discurso Francesa, a partir dos trabalhos de Charaudeau, Culioli, Dahlet, Orlandi e Pêcheux. Nosso foco de análise é o processo de designação/nomeação como uma das categorias responsáveis pelo efeito de real criado pelo discurso e como cada texto utiliza esse processo como estratégia discursiva na fabricação de seus referentes. A comparação entre os textos evidencia as diferentes posições assumidas por cada um dos jornais.</p> | <p>This paper intends to show how an event – in this case, the dam breaking of Mina Córrego do Feijão in Brumadinho-MG (Brazil), that occurred on January 25th of 2019 - can assume different realities based on the speeches that it were built, depending on the discursive formation those speeches belong. For this purpose, we have analyzed and compared two media texts, one from the online newspaper <i>O Estado de S. Paulo</i> and the other one, also from an online newspaper <i>Brasil de Fato</i>. Our work is based on the French School of Discourse analysis theory, and the contributions made by the authors: Charaudeau, Culioli, Dahlet, Orlandi and Pêcheux. The focus of our analysis is the process of designation/nomination as one of the responsible categories for the effect of real created by the discourse and how each text uses this process as discursive strategy to build their referents. The comparison between the texts highlights the different positioning assumed by each newspaper.</p> |

| PALAVRAS-CHAVE | KEY-WORDS |
|---|--|
| Análise do discurso; Nomeação; Designação; Discurso midiático, Barragem de Brumadinho | Discourse Analysis; Nomination; Designation; Media Discourse; Barragem de Brumadinho |

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende mostrar como um determinado evento – no caso, a ruptura da Barragem da Mina Córrego do Feijão no município de Brumadinho (MG), ocorrida em 25 de janeiro de 2019 – pode assumir diferentes realidades em função dos discursos que o constroem dependendo de as quais formações discursivas eles são pertencentes. Assumimos, aqui, que a realidade existe na medida em que é dita, pois a linguagem não representa o mundo, fabrica-o.

Essa ideia do discurso como fabricação do mundo foi proposta por Foucault em sua obra *As palavras e as Coisas*, na qual apresenta uma análise minuciosa das representações do mundo desde o Renascimento até a Idade Moderna, tendo como dispositivo de investigação a arqueologia do saber. Cada época é regida por um tipo de representação, que Foucault chama de episteme, por meio da qual a realidade é manifestada.

No Renascimento (século XVI), a linguagem é ternária: o domínio formal das marcas, o conteúdo que se acha por elas assinalado e as similitudes que ligam as marcas às coisas designadas. A linguagem é, ao mesmo tempo, uma semelhança e a marca dela, pois, acreditava-se, foi dada por Deus. “As línguas”, aponta Foucault, “estão com o mundo numa relação mais de analogia que de significação” (1989, p. 51). Isso significa que as palavras são coisas tanto quanto elas representam essas coisas.

Na Idade Clássica (século XVII e XVIII), a profunda interdependência da linguagem e do mundo se acha desfeita, as semelhanças são colocadas à prova através da comparação entre elas, e só serão aceitas como tal, caso se lhes encontre uma unidade comum de medida, ou se lhes dê uma ordem segundo seus graus de diferenças. Segundo Foucault, o que mudou o modo de conhecer do homem ocidental foi o novo modo de ser do sistema de signos, pois que são eles os princípios organizadores da ordem e da medida. Só há signo a partir do momento em que se acha conhecida a possibilidade de uma relação de substituição entre dois elementos conhecidos, “[...] o signo é a representatividade da representação enquanto ela é representável” (FOUCAULT, 1999, p. 89). O sistema dos signos será, portanto, a imagem das coisas: as palavras representam as coisas.

Na Idade Moderna (a partir do final do século XIII), o saber sofreu uma mutação irreparável, porque a linguagem passa a ser vista não como uma mera roupagem instrumental do pensamento, mas como sendo constitutiva da racionalidade. Como consequência imediata disso, a história natural adquire estatuto de biologia, a análise das riquezas se torna economia política e não há mais uma gramática geral e sim a linguística. A episteme moderna, no que diz respeito aos modos de representação,

consiste não só na separação das palavras e das coisas, ou seja, do signo e daquilo que ele representa (linguagem X mundo), mas justamente na operação pela qual as palavras se tornam coisas, “[...] a linguagem se dobra sobre si mesma, adquire sua espessura própria, desenvolve uma história, leis e uma objetividade que só a ela pertencem” (FOUCAULT, 1999, p. 409).

O pensamento foucaultiano situa, em nossa episteme moderna, a relação entre a linguagem e o mundo (entre as palavras e as coisas) numa operação que descola a linguagem do mundo (descola as palavras das coisas). É no sentido foucaultiano que entendemos o discurso como fabricação do mundo.

O presente trabalho, além da introdução e conclusão, está dividido em duas partes: (1) Pressupostos Teóricos, onde tratamos dos conceitos de imaginários sociodiscursivos enquanto construção do real (Charaudeau); dos conceitos de esquecimentos (Pêcheux) no que diz respeito à ilusão referencial criada pela linguagem; dos conceitos de nomeação (Culioli e Dahlet) e seus processos de construção de sentido; e (2) Análise, onde realizamos o rastreamento de como o evento e as pessoas foram nomeadas e em que medida o percurso de nomeação constrói imaginários diferentes.

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

De acordo com Charaudeau (2006), as representações sociais podem estabelecer as crenças numa determinada sociedade, orientar as condutas aceitas numa dada época e desempenhar o papel de responsáveis pela constituição do sujeito com fins de adaptação ao meio ambiente e de comunicação como o outro. Assim, as representações sociais devem ser consideradas como um mecanismo de construção do real, “[...] uma mecânica de geração de saberes e de imaginários”¹ (CHARAUDEAU, 2007), ou seja, um mecanismo de construção de sentido que molda, formata a realidade em real significante, gerando as formas de conhecer a realidade social.

Assim sendo, o autor propõe a noção de imaginários sociodiscursivos. Para definir o termo, Charaudeau (2006) explica que os saberes, enquanto representações sociais, ou seja, imagens da realidade, que transformam o real em universo de significação, são chamados de imaginários. Na medida em que estes imaginários são linguisticamente representados por enunciados, que, apesar de terem diferentes formas, podem ser semanticamente reagrupáveis, eles serão chamados de imaginários discursivos. Esses imaginários discursivos circulam no interior de um grupo social, enquanto referência para seus membros, portanto, são imaginários sociodiscursivos.

Ainda segundo Charaudeau, os imaginários sociodiscursivos “[...] dão

¹ Tradução nossa. No original: “une mécanique d’engendrement des savoirs et des imaginaires”.

testemunho das identidades coletivas, da percepção que os indivíduos e os grupos têm dos acontecimentos, dos julgamentos que fazem de suas atividades sociais” (2006, p. 207). Nesse sentido, as representações discursivas do evento de Brumadinho contribuem para a construção de diferentes imaginários, cada um determinado por uma formação discursiva distinta, criando cada qual seu efeito de real.

A relação entre a linguagem e o mundo parece-nos muito “natural” e “transparente”, temos a ilusão de que dizemos verdadeiramente aquilo que é exterior à linguagem por meio de uma tradução ou representação. Essa ilusão referencial é elucidada por Pêcheux em uma das duas formas de esquecimento no discurso por ele postuladas:

Concordamos em chamar esquecimento nº 2 ao “esquecimento” pelo qual todo sujeito-falante “seleciona” no interior da formação discursiva que o domina, no sistema de enunciados, formas e seqüências que nela se encontram em relação de paráfrase – um enunciado, forma ou seqüência, e não um outro, que, no entanto, está no campo daquilo que poderia formulá-lo na formação discursiva considerada. (PÊCHEUX, 1988, p. 173)

Orlandi explica que o esquecimento número dois de Pêcheux:

[...] produz em nós a impressão da realidade do pensamento. Essa impressão, que é denominada ilusão referencial, nos faz acreditar que há uma relação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo, de tal modo que pensamos que o que dizemos só pode ser dito com aquelas palavras e não outras, que só pode ser assim. Ela estabelece uma relação “natural” entre palavra e coisa. (ORLANDI, 1999, p. 35)

Porém, essa seleção operada pelo sujeito é sempre ideologicamente determinada, pois o sujeito está inserido numa formação discursiva que representa uma formação ideológica. Assim, essa ilusão realista, que quer ver na linguagem uma tradução das coisas, constitui uma das forças do discurso, pois nos faz crer que o discurso é a expressão da realidade, dissimulando a existência da ideologia que o sobredetermina.

Assim, o homem, permeado por uma ideologia, elabora suas narrativas produzindo imaginários sociodiscursivos que pretendem “capturar” sua realidade sócio-histórica, sua vivência no mundo e suas verdades. Segundo Charaudeau,

Contar é uma atividade posterior à existência de uma realidade que se apresenta necessariamente como passada (mesmo quando é pura invenção) e, ao mesmo tempo, essa atividade tem a propriedade de fazer surgir, em seu conjunto, um universo, o universo contado, que predomina sobre a outra realidade, a qual passa a existir somente através desse universo. Nessas condições, como pretender que uma narrativa possa ser o reflexo fiel de uma realidade passada (mesmo que

essa realidade tenha sido efetivamente vivida pelo sujeito que narra)? (CHARAUDEAU, 2009, p. 154, grifo nosso)

Tomando o discurso como fenômeno de linguagem que produz sentidos, donde os signos são “[...] substitutos completamente apartados da realidade” (CULIOLI, 1990, p. 37), assume-se a construção de objetos de discurso, cujos referenciais estão no mundo, mas são distintos deste, criando um mundo verossímil determinado ideologicamente. “Logo, tratar uma realidade na forma de um representante linguístico é, necessariamente, introduzir em alguma parte um hiato que isola as propriedades do objeto enunciado das de seu referente” (DAHLET, 1994, p. 110), assim, pelo processo de nomeação, criam-se objetos de discurso para representar uma realidade. Ao implantar um objeto de discurso e ao focalizar determinados aspectos deste objeto, descartando outros, o ato de nomeação argumenta o mundo que ele cria. Assim, nomear implica em escolher (in)voluntariamente um termo – e suas variações – para estruturar um objeto de discurso.

O processo de nomeação é um dos responsáveis pelo efeito de real criado pelo discurso, pois, “[...] nomear é dar existência a um ser” (CHARAUDEAU, 2009, p. 112) e, ao nomear, se institui o mundo, um mundo de discurso. Ainda para Charaudeau, “[...] descrever consiste em ver o mundo com um ‘olhar parado’ que faz existir os seres ao nomeá-los, localizá-los e atribuir-lhes qualidades que os singularizam” (CHARAUDEAU, 2009, p. 111).

Ao aparecer como tradução óbvia do mundo, a nomeação impõe imperceptivelmente a ideologia conceitual e os estereótipos discursivos sedimentados nos seus signos. Por ser um efeito de real, e não “a” realidade; a nomeação guia o sujeito em sua interpretação, mas não a determina nem o pode obrigar a compartilhá-la com o enunciador. Diríamos, ainda, que é exatamente aí (no guiar a interpretação, mas não determiná-la) que reside a liberdade do sujeito, pois é a prerrogativa para o exercício da escolha fundamentada e não arbitrária, esquivando-se (dentro do possível) da manipulação (opressiva ou dominadora) operada por meio do discurso.

Todo ato de nomeação constrói seu objeto sob um certo ponto de vista, dizendo respeito à posição adotada para nomeá-lo, iluminando alguns de seus aspectos e ocultando outros.

Nomear é necessariamente tomar posição em relação àquele que nós designamos. E quando categorizamos, exprimimos uma relação a respeito do ser designado: de maneira indireta, mas inegável, por e neste ato de nominação nos caracterizamos a nós mesmos em troca. (SIBLOT apud GONACH, 2007, p. 104)

Assim, ao imprimir a forma como o objeto deve ser compreendido, o

sujeito/nomeador evidencia não apenas seu posicionamento, mas cria um quadro referencial de associações muitas vezes predicativas que vai espelhar múltiplos desdobramentos discursivos de acordo com o domínio de experiência e a intenção desse sujeito.

Segundo Dahlet (1994), para elaborar a interpretação de um texto, o leitor deve valer do modelo enunciativo da produção de sentido, que propõe a análise de três operações: representação, referenciação e regulação. A representação opera concomitantemente em duas frentes: “[...] designação, que introduz e caracteriza conjuntos de noções como objetos de discursos, e a ordenação, que hierarquiza a posição dessas designações no discurso” (DAHLET, 1994, p. 111). A função das operações de referenciação é “[...] fazer significar, quer dizer, atribuir valores referenciais às representações” (DAHLET, 1994, p. 111). E, além do mais, é preciso controlar a construção referencial, “[...] impondo restrições ao sentido de certos termos” (DAHLET, 1994, p. 112), na tentativa de apresentar coerência e continuidade conceituais, assim, as operações de regulação “[...] passam, essencialmente, por todas as formas de retomada de uma palavra por outra” (DAHLET, 1994, p. 112). Portanto, é preciso reconhecer como um objeto de discurso é designado, quais valores lhe são atribuídos e como é organizada a relação de um termo com outros no espaço discursivo.

A partir do exposto acima, farei uma análise comparativa entre alguns textos midiáticos, elucidando os diferentes efeitos sócio-ideológicos criados pelos atos de nomeação na compreensão de um mesmo evento primitivo. Com efeito, daremos atenção às designações dos elementos do evento, bem como às suas qualificações e predicções, lembrando que mesmo que seja a unidade mais visível da nomeação, a palavra não é a única nem se apresenta sozinha na maioria dos casos. As várias retomadas de um elemento do evento (seja por anáfora, reformulação, metonímia, entre outros), assim como sua caracterização (qualificações, predicções, etc.), proporcionam o encadeamento do processo de construção do sentido desse elemento dentro de um texto, ou seja, um determinado referente vai sendo construído no decorrer da enunciação; processo este decisivo na criação de uma significação do evento primitivo, apresentando-o como “evento real”.

2 ANÁLISE

Para análise, utilizarei dois textos retirados de fontes jornalísticas diferentes: “Brumadinho: o que já se sabe sobre o rompimento da barragem da Vale”, publicado na versão *on-line* do jornal O Estado de S. Paulo e “Não foi acidente, é crime! O rompimento da barragem em Brumadinho (MG), no Brasil”, publicado no jornal *on-line*

Brasil de Fato. Os textos tratam do mesmo evento, todavia cada um deles o retrata de maneiras diferentes. Analisarei neste trabalho apenas dois elementos, excluindo todos os outros que compõem as narrativas, são eles: o evento e as pessoas que foram atingidas.

1) O evento

Cada texto designa e qualifica o evento de maneiras diferentes, começando pelo título: um apresenta o rompimento da barragem enquanto o outro contrapõe acidente a crime, escolhendo este último como representação da realidade. Segue abaixo como o evento é designado e qualificado em cada um dos veículos de comunicação:

a) Designação

O Estado de S. Paulo

- Rompimento da barragem (6 vezes)
- Desastre (12 vezes)
- Acidente (1 vez)
- Barragem se rompeu (2 vezes)

Brasil de Fato

- Crime (10 vezes)
- Rompimento da barragem (3 vezes)
- Ruptura da barragem (2 vezes)
- Barragem rompeu (1 vez)
- Desastre (1 vez)
- Tragédia (1 vez)

b) Qualificação

O Estado de S. Paulo

- Onda de rejeitos de minério de ferro
- [causa de] Danos ambientais
- [causa de] Danos às pessoas atingidas

Brasil de Fato

- Drama dos impactos humanos e ambientais da exploração mineral do

capitalismo financeirizado

- Cenas de devastação e violência do pesado rejeito em forma de lama tóxica
- Desastre de grandes proporções
- [está entre] Os crimes da Vale no Brasil
- 500km de destruição comprometendo a vida de aldeias indígenas, famílias camponesas, abastecimento de água, descaracterizando o relevo local e o curso dos rios
- Destruição ambiental e social

Dentre as designações dadas pelo jornal O Estado de S. Paulo, observamos que o termo mais usado para designar o evento é “desastre”. De acordo com o dicionário *online* Michaelis, o termo possui os seguintes significados:

desastre sm

- 1 Acontecimento funesto, geralmente inesperado, que provoca danos graves de qualquer ordem; soçobro.
- 2 Acidente que envolve meios de transporte.
- 3 Fracasso, geralmente profissional ou afetivo, que traz consequências desagradáveis, fiasco: “Nunca mais a vi; não soube nada da vida dela, nem se a mãe era morta, nem que desastre a trouxera a tamanha miséria” (MA3).
- 4 Qualquer acontecimento lamentável que ocorre com alguém ou que é praticado por alguém de maneira involuntária.

O primeiro e o último significados são os adequados à nossa análise, acontecimento funesto, lamentável, soçobro, algo inesperado, fortuito, portanto imprevisível. Nesse caso, o rompimento da barragem é considerado algo inevitável, um imprevisto, um acidente. Por isso não há muitas qualificações para o evento, o texto apenas diz que foi uma onda de rejeitos de minério de ferro, usando o termo onda para designar quantidade (uma enorme quantidade) e que causou danos ambientais e a pessoas, corroborando com o significado de desastre como algo danoso, lamentável, funesto.

Já o jornal *Brasil de Fato* já afirma em seu título que não foi acidente, mas crime, nome que mais aparece no texto. De acordo com o mesmo dicionário acima citado, o termo significa:

crime sm

- 1 *Jur* segundo a conceituação formal, toda conduta humana que infringe a lei penal sem que se considerem os resultados pretendidos pelo agente.
- 2 *Jur* Segundo a conceituação material, fato decorrente de uma conduta humana moralmente imputável que, por ação ou omissão, lesa ou põe em risco um bem jurídico protegido por lei e que se diz consumado quando há concretização do resultado pretendido pelo agente.
- 3 *Jur* Segundo a conceituação analítica, toda ação ou omissão típica, antijurídica e culpável.
- 4 *por ext* Violação das regras que a sociedade considera indispensáveis à sua existência.
- 5 *por ext* Qualquer ação condenável que possa trazer consequências funestas ou desastrosas para a coletividade e/ou a segurança social do Estado: A poluição dos rios é um crime que desonra a humanidade.
- 6 *por ext* Qualquer ato ou fala condenável que tenha repercussões diretas e imediatas sobre a vida de outrem: Pode-se entender a decisão desse governador como um crime contra as populações ribeirinhas.
- 7 *fig* Erro que traz consequências funestas para si mesmo e/ou para outrem; deslize, falta, mal: Seu crime foi pensar que era onipotente.
- 8 Conjunto daqueles que, deliberadamente, praticam ações nocivas à coletividade e passíveis de punição legal; bandidagem: O crime criou raízes profundas em nossa sociedade.
- 9 Vida de criminoso; banditismo: Entrou muito cedo para o crime.
- 10 *gír, fig* Diversão que geralmente atravessa toda uma noite e envolve o consumo de bebidas e drogas, leves ou pesadas, a procura de aventuras sexuais eventualmente promíscuas, a troca dos papéis sexuais tradicionais, o inusitado e o excêntrico ao vestir-se e o total despreendimento das normas e padrões socialmente aceitos; farra, noitada, zorra: Trabalham duro a semana.

Podemos verificar nas várias acepções do termo que, concordando com o significado do termo desastre, o crime é algo ruim, funesto, danoso, nocivo, que lesa ou põe em risco. Todavia há ação ou omissão decorrentes de conduta humana, não é algo inevitável ou imprevisível. Assim, o evento traz uma carga de responsabilidade acerca dos danos causados que deverá ser imputada a alguém (a empresa Vale e aos

engenheiros responsáveis).

O texto apresenta várias qualificações para o evento, as quais estão carregadas de negatividade: drama, tóxica, devastação, violência, destruição. Desta forma, a caracterização feita pelo jornal compõe um cenário dramático de forma a confirmar as consequências nocivas do evento, que ele chamou de crime.

2) Pessoas que foram atingidas

Em relação às pessoas que foram atingidas pelo rompimento da barragem em Brumadinho, os jornais também designam e qualificam de maneiras distintas, construindo imagens diferentes para o leitor.

a) Designação

O Estado de S. Paulo

- Mortos (3 vezes)
- Desaparecidos (5 vezes)
- Funcionários (3 vezes)
- Vítima(s) (12 vezes)
- Hospitalizados (1 vez)
- Feridos (1 vez)
- Sobreviventes (2 vezes)
- Paciente (2 vezes)
- Homem(s) (2 vezes)
- Mulher(es) (2 vezes)
- Pessoas atingidas (1 vez)
- Atingidos (1 vez)
- Clientes (1 vez)

Brasil de Fato

- Mortes confirmadas (1 vez)
- Desaparecidos (1 vez)
- Trabalhadores da empresa (1 vez)
- Quem ingere alimento (1 vez)
- Terceirizados (1 vez)
- Nossos mortos (1 vez)

b) Qualificação

O Estado de S. Paulo

- 300 funcionários
- As chances de encontrar sobreviventes são mínimas
- Vítimas de Brumadinho
- Primeira vítima identificada
- Lista de funcionários que ainda não fizeram contato
- Parentes dos desaparecidos
- Vítimas resgatadas com vida
- Uma paciente do sexo feminino, de 15 anos, e um homem de 55 anos continuavam internados
- Uma mulher de 59 anos que passou mal
- Três mulheres, de 22, 65 e 59 anos, e dois homens, de 33 e 19 anos, receberam alta
- Um paciente de 55 anos e uma vítima de 43 foram transferidos para outro hospital
- Famílias das vítimas e dos sobreviventes
- Vítimas fatais
- Clientes [de operadoras de telefonia] que estavam na região afetada

Brasil de Fato

- Dezenas de mortes confirmadas
- 300 desaparecidos
- Trabalhadores da empresa e terceirizados (...) foram surpreendidos
- Direito de enterrar nossos mortos

Curiosamente o jornal *Brasil de Fato*, que considera o evento um crime, não nomeia os atingidos como vítimas, cujo significado, entre outros, está relacionado a crime, de acordo com a definição do dicionário online Michaelis:

vítima sf

1 Pessoa ou animal que morre em sacrifício a uma divindade ou em algum ritual.

2 Pessoa ferida, executada, torturada ou violentada.

3 Pessoa que morre ou passa por uma situação traumática: “[...] ficou tetraplégica aos dezoito anos, vítima de um acidente de carro” (CMA).

4 Pessoa que é submetida a arbitrariedades: “Por vezes, se Deus não

chegasse depressa, Pedrinho poderia ser vítima de atos que muita gente não gosta nem de ler nem de escutar” (JMV2).

5 Pessoa que sofre o resultado funesto das próprias paixões ou a quem são fatais os seus bons sentimentos.

6 Qualquer ser ou coisa que sofre algum tipo de prejuízo.

7 *Jur* Pessoa contra quem se comete um crime.

Além de falar poucas vezes sobre essas pessoas, o texto também não apresenta quase nenhuma qualificação, somente alguns números (dezenas e 300), diz que os trabalhadores e terceirizados foram surpreendidos e que temos o direito de enterrar nossos mortos, nesse caso fazendo uma alusão às pessoas desaparecidas.

Já o jornal *O Estado de S. Paulo* usa de vários termos para nomear as pessoas que foram atingidas, inclusive o mais usado é o termo vítima. Os termos especificam e categorizam tais pessoas, há os feridos, os sobreviventes, os hospitalizados, as vítimas fatais, a adolescente, os homens e as mulheres identificados pelas suas idades e seus estados de saúde, há os funcionários que fizeram contato com a empresa e os que não fizeram, há muitos desaparecidos, enfim, o texto apresenta uma gama de detalhes deixando o leitor mais sensibilizado com a situação destes que foram atingidos. Nesse caso, a preocupação da narrativa é muito mais com as pessoas do que com o evento propriamente dito.

3 CONCLUSÃO

Temos, portanto, de um lado uma narrativa que considera o rompimento da barragem um crime, discorre sobre a lama tóxica, as cenas de devastação e violência, a destruição da região e dos rios, apresenta dados sobre os impactos ambientais e sociais (como, por exemplo, despejou 12 milhões de metros cúbicos de lama), enfim, encena o terror do evento propriamente dito. Considera o fato de que o evento poderia ter sido evitado e, ainda, por ser crime, estabelece uma relação direta com a ação ou omissão do ser humano, demandando a responsabilização da empresa Vale do Rio Doce sobre o ocorrido. O jornal *Brasil de Fato* se mostra preocupado com os danos causados ao meio ambiente e a sociedade, bem como demonstra explicitamente sua posição ativista, cobrando a responsabilização do crime cometido.

De outro lado, temos uma narrativa que constrói as histórias das pessoas, aquelas que estão desaparecidas, as que estão mortas, as que sobreviveram, caracterizando-as, sobretudo, como vítimas, sem dizer, no entanto, que houve crime, considerando o evento como algo inevitável, um desastre. O jornal *O Estado de S. Paulo* apresenta uma

realidade um tanto quanto novelística, detalhando os dramas de cada um (a primeira vítima identificada, o homem hospitalizado, uma paciente de 15 anos etc.), não há uma cobrança por justiça, há mais um apelo ao sentimentalismo, à solidariedade, à compaixão.

Com isso, podemos perceber que uma das maneiras de construir imaginários é por meio da nomeação. Durante o percurso de designações que vão sendo atribuídas ao evento e às pessoas em cada texto, os cenários vão sendo construídos para o leitor, de modo que a ele sejam oferecidos imaginários distintos, a depender de cada texto. Assim, cada jornal apresenta sua posição em relação ao caso estudado, o rompimento da Barragem de Brumadinho.

REFERÊNCIAS

BRASIL DE FATO. Não foi acidente, é crime! O rompimento da barragem em Brumadinho (MG), no Brasil. Disponível em: < <https://www.brasildefato.com.br/2019/02/01/nao-foi-acidente-e-crime-o-rompimento-da-barragem-em-brumadinho-mg-no-brasil/>>. Acesso em 10/02/2019.

CHARAUDEAU, P. Identité sociale et identité discursive le fondement de la compétence communicationnelle. **Revista Gragoatá**, n.21, p.339-354, 2º semestre 2006.

CHARAUDEAU, P. Les stéréotypes, c'est bien. Les imaginaires, c'est mieux. In: BOYER, H. (org.). **Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène**. Paris: L'Harmattan, 2007.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2009.

CULIOLI, C. **Pour une linguistique de l'énonciation: opérations et représentations**. Paris: Ophrys, 1990.

DAHLET, Patrick. Leitura e construção do sentido: a perspectiva enunciativa. In: **A formação do leitor: o papel das instituições de formação do professor para a educação fundamental**. Brasília: MEC, 1994. p. 104-129.

DAHLET, Patrick. **Apagar as divisões, celebrar o consenso: a governança discursiva na era neoliberal**. Todas as Letras. São Paulo, 2014.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GONAC'H, Jeanne. Pratiques de redénomination des rues à Vitrolles. In: CISLARU, Georgeta ; GUERIN, Olivia; MORIN, Katia; NEE, Emilie ; PAGNIER, Thierry; VENIARD, Marie. L. **Acte de nommer**: une dynamique entre langue et discours. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2007. p. 101-114.

MICHAELIS MODERNO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues>>. Acesso em 10/02/2019.

O ESTADO DE S. PAULO. Brumadinho: o que já se sabe sobre o rompimento da barragem da Vale. Disponível em: <<https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,brumadinho-o-que-ja-se-sabe-sobre-o-rompimento-da-barragem-da-vale,70002700388>>. Acesso em 10/02/2019.

ORLANDI, Eni. **Análise de discursos**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

Título em Inglês:

COMPARATIVE ANALYSIS BETWEEN NEWSPAPERS'
DISCOURSE ABOUT THE DAM BREAKING OF MINA
CÓRREGO DO FEIJÃO LOCATED IN BRUMADINHO (BRAZIL),
OCCURRED ON JANUARY 25TH OF 2019